



NISE - O CORAÇÃO DA LOUCURA

Psicóloga Ma. Valéria Paiva Casasanta Garcia¹

Nise da Silveira nasceu em Maceió, no estado de Alagoas. Foi a única mulher a se formar em Medicina, na Faculdade de Medicina da Bahia, em uma turma de 157 homens. Desde muito cedo seu espírito revolucionário e sensível as causas humanas, se destacou.

No trabalho com os considerados “loucos” e apartados socialmente se permitiu olhar para além de corpos sofridos, olhares perdidos e linguagens “desconexas”. Ousou cuidar da alma humana, respeitando a história de vida de todos que precisavam dela. Chorou e se indignou, chegando ao desespero ao presenciar crueldades e sadismos em nome da “ciência”. No hospital no qual trabalhou e mudou toda a forma de se conceber a loucura, com sua equipe de Profissionais, pôde presenciar a força curadora que habita o interior de cada ser humano.

Nise foi tida como louca, por acreditar na arte como mediadora de conteúdos inconscientes, e permitir que os tidos como “insanos e incuráveis”, fossem tratados como seres humanos.

O filme traz cenas fortes e impactantes, que suscitam a dor, a revolta e ao mesmo tempo o amor pelos seres humanos trancados em si mesmos, e vistos como objetos, sem condição de mudança. Eletroconvulsoterapia, choque insulínico e lobotomia eram considerados os procedimentos mais eficazes para se tratar a doença mental. Com suas palavras: “o meu instrumento de trabalho é o pincel... e o seu é o picador de gelo” frase dita a um Psiquiatra que desqualificava e desconsiderava seu trabalho. O picador de gelo, naquela época, era utilizado na lobotomia como auxiliar para a retirada de partes do cérebro, causando danos irreversíveis aos pacientes. Essa intervenção era realizada muitas vezes sem a autorização dos internos e de seus responsáveis.

Nise levou seus pacientes a entrarem em contato com suas dores, restabelecendo gradativamente o contato dos mesmos, com o mundo exterior. Levou-os a passear ao ar livre para que sentissem novamente a vida pulsar em si mesmos, deixou-se despentear por um interno esquizofrênico em uma proximidade humana incomum naquele ambiente hostil e os vestiu de forma digna. Essa mulher marcou a alma de todos com seu olhar sensível e forte e suas atitudes, em prol da dignidade humana.

¹ Psicóloga da Divisão de Saúde (DISAU/DIRVE/PROAE/UFU). Mestre em Psicologia Escolar e Educacional pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e especialista em Psicologia Junguiana (UNICAMP) e em Psicopedagogia (UFU).



Ela nunca acreditou na violência como forma de tratamento e se recusou a fazer parte de um grupo que tinha como premissa tratar os doentes mentais como objetos de pesquisa, em um contexto desumano e fragmentado.

O espaço que foi relegada no Centro Psiquiátrico nacional, como sendo um local sem importância, cheio de entulhos e “costurinhas” (como disse um dos médicos), transformou-se em um ateliê de resgate da alma. Através dos desenhos, pinturas, esculturas, os internos puderam se revelar. Um dos pacientes, um ex-torneiro mecânico da Marinha, foi enaltecido pelo crítico de arte Mário Pedrosa por seus dons e expressões artísticas. Mário ficou maravilhado com as produções dos internos e incentiva Nise a continuar com seu trabalho além dos muros do Centro Psiquiátrico.

O encontro consigo mesmo e com os outros através da arte, segundo Nise, teve um efeito catalisador. Através da afetividade e do respeito, gerou-se a confiança, condição imprescindível para a ressignificação dos traumas vividos e criação de novas formas de se lidar com a dor.

Capaz de observar sem julgamentos e olhar além do que estava exposto, acompanhou cada história de vida revelada através das obras produzidas, levando os profissionais que trabalhavam com ela, a crescerem emocionalmente com cada encontro estabelecido com os internos. A crueldade e intolerância representados por aqueles que rotulavam e estigmatizavam, cegos a verdadeira terapêutica, estiveram presentes em seu caminho, mas não foram capazes de paralisá-la.

O filme, um longa-metragem de ficção dirigido por Roberto Berliner, teve como protagonista principal a atriz Glória Pires. Baseado na biografia de Nise da Silveira, em um período de sua vida (década de 40) onde ela era a única médica de um hospital psiquiátrico, localizado no bairro Engenho de Dentro, subúrbio do Rio de Janeiro. Estarrecida com os tratamentos tidos como revolucionários na medicina psiquiátrica, recusa-se a ser instrumento dessa ideologia. Foi relegada, então a um lugar sem importância do hospital tanto do ponto de vista material como simbólico; o setor de terapia ocupacional.

Como chefe da seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR) transforma através da limpeza não somente física do ambiente, mas também emocional, esse espaço em um local de encontros, entregas, diálogos, alegria, liberdade e tantas outras emoções do complexo existir humano... permitindo que seus clientes (como insistia em chama-los) se expressassem utilizando seus recursos emocionais, juntamente com os materiais altamente simbólicos do universo artístico, mediados pela afetividade e presença humana.

As produções de seus clientes lhe impactava e revelava aspectos significativos de suas histórias de vidas. A paciência e a amorosidade, atreladas a um saber que se fazia principalmente no desenrolar das vivências, lhe trouxe um vasto conhecimento



da alma humana. Percebendo a riqueza e a presença de um centro organizador nas pinturas produzidas pelos internos, entra em contato com Carl Gustav Jung, renomado Psiquiatra suíço, que via no contato com o inconsciente um caminho de ampliação da consciência e transcendência psíquica. Esse encontro alquímico abre portas para que a Psicologia Analítica entre no Brasil.

A psique de acordo com a abordagem junguiana é uma estrutura dinâmica e complexa. A parte consciente refere-se a uma porção menor dessa estrutura, sendo comparada a uma ilha em relação ao oceano (a profundidade da psique inconsciente).

O inconsciente sob a ótica junguiana corresponde ao inconsciente pessoal e coletivo. Diferentemente do inconsciente pessoal cuja existência decorre de experiências individuais, os conteúdos que constituem o inconsciente coletivo (arquétipos) são impessoais, comuns a todos os seres humanos e transmitidos pela hereditariedade.

Jung dedicou sua vida a exploração do universo interior com paixão e determinação para desvendar os mistérios do mundo psíquico. A exploração e compreensão do inconsciente coletivo foi um grande diferencial em sua teoria psicológica.

Analisou os sonhos e fantasias de seus pacientes, bem como suas próprias experiências psíquicas e chegou a constatação da existência de estruturas gerais da mente humana, que são pertencentes a todos os seres humanos. Através da observação empírica e da análise minuciosa dos sonhos e fantasias de seus pacientes, pôde perceber a semelhança entre os símbolos e imagens presentes nesses sonhos, com os símbolos e figuras presentes nos mitos e nas religiões de todo o mundo.

O conceito dos arquétipos e do inconsciente coletivo representa uma pedra angular na teoria analítica/junguiana. Somente se pode falar de inconsciente coletivo pela presença dos arquétipos em seu interior.

Nise traz o arquétipo da grande mãe que acolhe, nutre e gera sem abrir mão da força e coragem por seus ideais. Confia no desenvolvimento humano que impulsiona a personalidade ao seu centro integrador. Acredita na força curadora e criativa da imagem que revela simbolicamente um mundo interior repleto de significados.

De acordo com a teoria junguiana, os arquétipos enquanto heranças culturais fazem parte dessa camada profunda da psique, sendo fontes primárias de energia e padronização psíquica.

No trabalho de Nise ela percebeu que a mente fragmentada se expressava simbolicamente pelas expressões artísticas, mediadas pela afetividade de seres humanos e auxiliadas pelo contato afetivo com os animais.



Os cães e gatos segundo ela, são co-terapeutas e ampliam nos seres humanos o canal de comunicação no compartilhar das emoções. Cuidar dos animais representa também cuidar de partes de si mesmos que foram negligenciadas e/ou abandonadas. Receber e dar afeto possibilita mudanças no desenvolvimento psicológico.

Nise ressignificou o conceito de loucura e arte. Ousou olhar e reconhecer riquezas e beleza onde somente se viam ações desprovidas de sentido. Seu afeto por aqueles que apresentavam uma condição de menos valia, sendo oprimidos física e psicologicamente por um sistema adoecido, possibilitou uma maior integração de aspectos dissonantes em suas vidas psíquicas. Nise dedicou-se a humanização do tratamento de pacientes psiquiátricos.

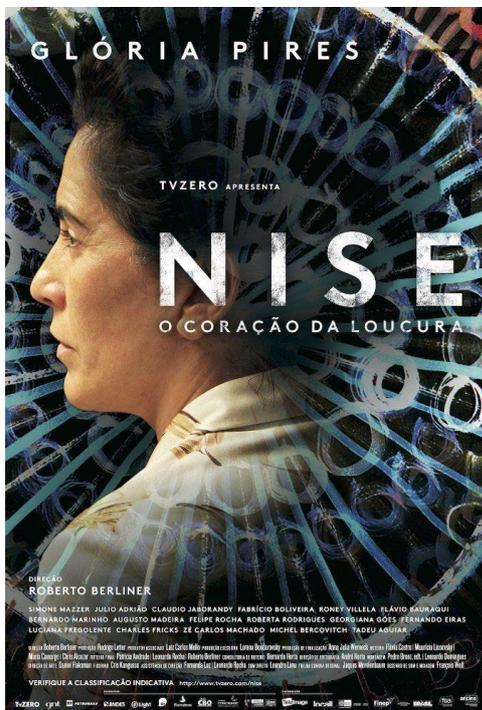
Uma das cenas mais tocantes do filme mostra um dos internos mostrando em seu quadro, a pintura de uma janela que se abre para um lugar belo, repleto de vida. Essa imagem somente se tornou real, no momento que outras janelas da alma se abriram; não pela violência, mas pelo amor.

Ao ser reconhecida por Carl Gustav Jung, criador da Psicologia Analítica/Junguiana, o trabalho de Nise da Silveira teve alcance internacional. Com suas palavras: “certa vez, um paciente me mostrou um coração em madeira e no centro do coração havia um livro aberto. Quando me ofereceu seu trabalho, me disse: um livro é muito importante, a ciência é muito importante, mas se ela se desprender do coração, não vale nada. Tudo que sei de Psiquiatria aprendi com eles”.

NISE-O CORAÇÃO DA LOUCURA

“Há beleza na vida, há beleza em tudo. Vocês veem? ... Há beleza na alegria e mesmo na saudade, na tristeza, no sofrimento, e até na partida, há beleza. A vida é uma beleza”

Nise da Silveira



SINOPSE DO FILME²

Ao voltar a trabalhar em um hospital psiquiátrico no subúrbio do Rio de Janeiro, após sair da prisão, a doutora Nise da Silveira (Gloria Pires) propõe uma nova forma de tratamento aos pacientes que sofrem da esquizofrenia, eliminando o eletrochoque e lobotomia. Seus colegas de trabalho discordam do seu meio de tratamento e a isolam, restando a ela assumir o abandonado Setor de Terapia Ocupacional, onde dá início a uma nova forma de lidar com os pacientes, através do amor e da arte.

²Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-240724/>